

[ TT00219 ]

## A centelha

Abdon, Milanez

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

## A centelha

Graças a uma especial deferencia do tabelião Dr. Fernando Milanez, filho do inolvidável autor da "Donzela Teodora" e do "Bico de Papagaio", apresentamos nesta edição uma peça inédita de Abdon milanez, que se encontrava em seu poder e que gentilmente cedeu para ser publicada neste "BOLETIM"

CARLOS SILVÉRIO .....Comerciante  
PRAXEDES VAZ.....Fazendeiro em SP  
RENATO VAZ.....Bacharel, seu filho  
DR. VALENTE MAIA.....Médico  
JOÃO DA MATA.....Corretor  
COLATINO.....Empregado da casa de  
Silvério  
HENRIQUETA SOARES.....Gerente da casa de Silv.  
SUZANA GAMA.....Filha de Carlos Silvério  
GEOVANA GAMA.....Mãe de Carlos Silvério  
BONIFÁCIA GAMA.....prima de Carlos Silvério

AÇÃO NO RIO DE JANEIRO, NO ANO DE 1920

(Esta peça só poderá ser representada mediante autorização da SOCIEDADE BRASIELIRA DE AUTORES TEATRAIS) (Boletim da SBAT n°84, MAIO

JUNHO DE 1949)

## PRIMEIRO ATO

### CENA I

CENÁRIO - Gabinete de Silvério, no primeiro andar de um sobrado, na rua de S. Pedro. Móveis e utensílios habitualmente usados em tais escritórios. Um cofre, duas estantes com livros comerciais. Ao F. três janelas dando para a sacada. duas portas laterais.

SILVÉRIO, PRAXEDES E JOÃO DA MATA (O primeiro sentado à secretaria, o segundo ao seu lado direito, e o terceiro de pé, em frente aos dois)

PRAXEDES - Muito bem, compadre. Esse caso está resolvido.

SILVÉRIO - Ainda não, compadre Praxedes. Não tenho confiança nesses papéis.

PRAXEDES - Não lhe basta a opinião do seu corretor?

SILVÉRIO - Que quer, meu amigo? Os homens se enganam sempre, por mais prática que tenham dos negócios.

JOÃO DA MATA - Lá isso é verdade, e o senhor Silvério é daqueles que adotam o rifão: Seguro morreu de velho.

PRAXEDES - Está vendo que o compadre é cauteloso.

SILVÉRIO - Certamente. Vamos ouvir mais uma opinião. Essa será a última palavra.

PRAXEDES - De quem se trata?

SILVÉRIO - Vai ver. (Toca o tímpano. Aparece um criado) D. Henriqueta que me venha falar. (O criado sai, e momentos depois entra Henriqueta, que se dirige para a secretária e se conserva de pé).

## CENA II

Os mesmos e Henriqueta.

SILVERIO - Henriqueta. Apresento-lhe o meu velho amigo e compadre, coronel Praxedes Vaz, fazendeiro em S. Paulo (Para PRAXEDES) D. Henriqueta soares, gerente da nossa casa.

PRAXEDES - (Muito admirado, estendendo a mão a Henriqueta). Gerente? Então é esta moça quem dirige sua casa?

SILVERIO - Por que não? Grande competência, atividade inimitável, ver os meus negócios?

PRAXEDES - Pois compadre, ainda não estou em mim. Lá por S. Paulo também há muita mulher fazendo trabalhos de homem; entretanto não conheço nenhuma dirigindo casa de comissões. É a primeira que vejo nessas alturas....

HENRIQUETA - Sr. coronel já deve ter compreendido que o Senhor Silverio está, permita-me a expressão, exagerando os meus méritos. sou apenas uma modesta auxiliar....

SILVERIO - Deixe-a falar, compadre. Quando esta moça entrou para a casa, tinha apenas vinte anos. Eu estava em sérias dificuldades. Pois bem: sem espalhafatos, não procurando dar mérito ao seu trabalho, em quatro anos, colocou o meu negócio em plena prosperidade. Entrou como datilógrafa, e hoje, é a nossa Gerente.

PRAXEDES - E como arranjou você esta jóia?...

HENRIQUETA - Por Deus, me poupem. Certamente não foi para tratarmos deste assunto que...

SILVERIO - (Risonho) Bem. Não lhe ofendemos a modéstia (PARA PRAXEDES) Terei ocasião de satisfazer a sua curiosidade. (PARA HENRIQUETA) Que acha que deva fazer com as ações da Companhia Vigilância?

HENRIQUETA - (Rapidamente) Vende-las sem perda de tempo.

JOÃO DA MATA - Como, D. Henriqueta? Se apenas há quatro dias elas começaram a subir, com promessa de um dividendo superior a 12%/

HENRIQUETA - É minha opinião. O jogo está claro! Se os senhores observassem melhor, veriam que essa alta é fictícia; que se trata de um conchavo ente uns acionistas que querem se desfazer das ações que possuem. Dentro de um mês elas vão baixar. Se o coronel não quer perder dinheiro, venda já as suas.

PRAXEDES - Não são minhas. Pertencem a um meu vizinho.

SILVEIRO - Compadre, o caso está resolvido. Suas ou do seu vizinho, é necessário vendê-las, sem perda de tempo!

PRAXEDES - Dê as ordens, compadre.

SILVERIO - Vá, João da Mata, e procure o melhor preço.

JOÃO DA MATA - (A parte) Quem vai no meio sou eu. (Alto) Até logo.

TODOS - Até logo. (Sai João da Mata).

## CENA III

Os mesmos menos João da Mata.

PRAXEDES - Dona. A senhora é admirável.

HENRIQUETA - (Agradece com um gesto. Para Silverio) Posso retirar-me?

SILVERIRO - Pois não. (Sorriso entre os dois) Obrigado!

HENRIQUETA - (Cumprimentando Praxedes) Muito prazer de o conhecer. Sempre ao seu dispor.

PRAXEDES - O prazer é todo meu, senhora dona. Agradeço muito as suas informações. (Cumprimentos, Henriqueta sai).

## CENA IV

Praxedes e Silverio

PRAXEDES - Compadre, que achado! Como descobriu você êste tesouro?

SILVERIO - Muito simplesmente. Henriqueta estava-se educando no colégio de Santa Angela, onde fez muito boa amizade com Suzana, que lá se acha desde que perdeu a mãe.

PRAXEDES - Como vai minha afilhada, compadre?

SILVERIO - Muito bem. Dentro de três meses deverá concluir os seus estudos.

PRAXEDES - Bravos. Vamos ao caso.

SILVERIO - Henriqueta também era órfã de mãe, e de um dia para outro, morreu o pai, um modesto funcionário público, deixando à filha um montepio de cento e cinquenta mil réis. Foi aquela ocasião que Suzana pediu-me para colocar sua colega e amiguinha aqui como datilógrafa. Concordei, não porque contasse que viesse prestar grandes serviços, mas... por caridade.

PRAXEDES - Era um diamante de primeira água que você encontrava, em compadre?

SILVERIO - É verdade. E o que mais me agrada é a solicitude, o carinho que ela dispensa a minha mãe. Sempre que tem um momento de folga vai lá em cima vê-la. À noite passeiam pela Avenida, e aos domingos vão à Missa!

PRAXEDES - Não há dúvida, compadre! Foi um achado! Aceite meus parabens! (Mudando de tom) Agora, compadre temos outro assunto muito importante, e eu conto com você...

SILVERIO - Quanto precisa?

PRAXEDES - Não, se trata de dinheiro. Isso, graças a Deus não falta. Você precisa de algum?

SILVERIO - Não, obrigado! Então, que há?

PRAXEDES - Trata-se de meu filho.

SILVERIO - Do Renato? Que sucedeu?

PRAXEDES - O diabo. É um caso perdido. Deu para ruim, compadre.

SILVERIO - Como?

PRAXEDES - Imagine você, que aquele moço educado, estudioso, enfim, um homem de bem, entregou-se aos caprichos de uma colona italiana, lá na fazenda. Eu botei-a p'ra fora; mas não valeu de nada!

SILVERIO - Que fez êle?

PRAXEDES - Montou casa em S. Paulo p'ra tipa com quem morava, fazendo dívidas p'ra eu pagar!

SILVERIO - Oh! Que pena! O nosso Renato! O noivo de Suzana!

PRAXEDES - É verdade! Eu que tanto desejava vê-lo casado com a minha afilhadinha (OUTRO TOM) Mas tomei uma resolução, se você quiser ajudar-me...

SILVERIO - Por que não? Conte desde já com o que depender de mim.

PRAXEDES - Muito bem! Passei uns cobres à rapariga, e mandei-a para a Itália! O Renato deu o desespero!

SILVERIO - Você é de força, compadre!

PRAXEDES - Quando ele soube para onde a colona tinha ido, quis ir ao seu encalço, e, só com muito jeito, consegui trazê-lo até o Rio. Uma vez aqui, intimei-o a empregar-se ou eu o abandonaria por completo.

SILVERIO - E o que ficou resolvido?

PRAXEDES - Aí é que pega o carro. Declarou-me que irá para casa que eu determinar, mas que eu tenha a certeza de que nenhuma o suportará por mais de três dias!

SILVERIO - Havemos de ver. Mande-o para aqui. eu o entregarei aos cuidados de Henriqueta. Em poucos dias ele não terá vontade de deixar a casa...

PRAXEDES - Sei lá, compadre... Aquilo é um cabeçudo. Enfim, vamos tentar. Pode ser que a moça faça milagres!

SILVERIO - Espero que sim! Em todo caso a nossa combinação de dez anos passados está positivamente desfeita!

PRAXEDES - De certo! Nunca entregarei minha afilhada a um louco! Sim compadre! Creio que Renato está com a bola virada.

## CENA V

Os mesmos e Genoveva

PRAXEDES - (PARA GENOVEVA QUE VEM ENTRANDO) Oh, minha cara senhora! Grande satisfação em vê-la.

GENOVEVA - Como vai, Coronel Praxedes? Que agradável surpresa. Quando chegou?

PRAXEDES - Cheguei ontem, d. Genoveva.

GENOVEVA - Veio dar o seu passeio ao Rio...

PRAXEDES - Não, senhora. Vim a negócios e procurar uma colocação para o Renato...

GENOVEVA - Ele também está no Rio?

PRAXEDES - Sim, senhora, e vem trabalhar aqui...

GENOVEVA - Como? Deixou os estudos?

PRAXEDES - Que quer? D. Genoveva? (OLHA PARA O SILVERIO). Ele não dá para doutor. Vai tentar o comércio. Não acha compadre, que poderá fazer carreira?

SILVERIO - Pois não! Já lhe disse que vou confiá-lo a Henriqueta. Ela o guiara. (GENOVEVA OLHA ADMIRADA PARA SILVERIO)

PRAXEDES - Então estamos entendidos. Vou providenciar para que o rapaz se apresente hoje mesmo a Gerente. Diga à moça que o faça trabalhar. O ordenado será de um conto de réis que enviarei regularmente.

SILVERIO - Como assim?

PRAXEDES - Não quero que a casa dispense um real com ele. Já não é pouco o que vocês tem que aturar com o cabeçudo.

GENOVEVA - Mas, Coronel, não o compreendo. Para que tanta recomendação, se o Renato é um moço inteligente e trabalhador?...

PRAXEDES- (HESITANDO) É...é... porque ele, D. Genoveva, esta agora na muda. (RISOS) A senhora vai ver. Está birrento, caprichoso... O diabo, com licença da palavra. Ninguém pode com ele. (MUDANDO DE TOM) Agora peço licença... e até amanhã, pois voltarei para dizer lhes adeus...

GENOVEVA - Venha almoçar conosco...

SILVERIO - Tome nota compadre! Um convite de mamãe é uma ordem!...

PRAXEDES - Que eu cumprirei com muita satisfação. (RI, DESPEDINDO-SE) Até amanhã, D. Genoveva. (GENOVEVA E SILVÉRIO ACOMPANHAM PRAXEDES ATÉ A PORTA)

GENOVEVA - Até amanhã, não falte. Traga o Renato. (PRAXEDES SAI)

## CENAVI

Silvério e Genoveva

GENOVEVA - Não te parece, Calo, que o compadre quer preparar o terreno para realizar aquela combinação....

SILVÉRIO - Qual, mamãe! Nem pense nisso! O Renato está perdido! Viciou-se com mulheres e não faz outra coisa senão gastar dinheiro e estragar a saúde.

GENOVEVA - Por isso admites que ele venha ser teu empregado, e ainda mais sob a direção de Henriqueta.

SILVÉRIO - Não me ocorre providencia mais acertada para ver se conseguimos salvá-lo.

GENOVEVA - Estranho o teu modo de agir... Sabes que eu não sou tola. Vejo claramente que tens uma simpatia profunda por Henriqueta....

SILVÉRIO - (INTERROMPENDO-A) Oh, mamãe!

GENOVEVA - Tens sim. Por isso admiro a tua resolução de colocar ao lado dela um moço em convivência diária...

SILVÉRIO - Tranquiliza-te mamãe... Em primeiro lugar a minha simpatia por Henriqueta é, como se diz, sem futuro...

GENOVEVA - Por que sem futuro?

SILVÉRIO - (CARINHOSAMENTE) Oh, Além da diferença de idade, Henriqueta é tão... independente, tão alheia ao sexo forte e tão elevada de espírito, que eu jamais poderia despertar. Creia, mamãe, Henriqueta não pensa em casar, e muito menos comigo, e eu ainda não cogitei disso.

GENOVEVA - Olha; é possível que estejas com a razão; mas coração de mãe não se engana. Tu gostas de Henriqueta e eu não posso ficar indiferente a isso....

SILVÉRIO - E se assim fosse, que farias mamãe?

## CENA VII

Os mesmos e Henriqueta que traz na mão uma carta

HENRIQUETA - (VENDO GENOVEVA) Bom dia, D. Genoveva. Pensei que não quisesse dar hoje o seu passeio...

GENOVEVA - (BEIJANDO-A) Eu ia convidar-te; mas encontrei aqui o coronel Praxedes, e demorei-me um pouco. Achas que ainda temos tempo?

HENRIQUETA - Pois não. (PARA SILVÉRIO) Acabo de receber uma cara de Suzana pedindo-me para interceder junto ao senhor afim de que ela deixe o colégio para vir passar aqui o aniversário de D. Genoveva.

GENOVEVA - Coitadinha, ela não se esquece da avó.

SILVÉRIO - Que achas, Henriqueta?

HENRIQUETA - Por um mês ou menos ainda, o senhor não deve se opor a tão justo desejo de sua filha. Aqui está a resposta, que, peço licença para enviar. (ENTREGA A CARTA A SILVÉRIO QUE A LÊ E DEVOLVE RISONHO)

GENOVEVA - (RISONHA, ENQUANTO SILVÉRIO LÊ A CARTA) E se ele não concordar?

SILVÉRIO - Seria a primeira vez que eu não concordasse com as deliberações de minha gerente.

HENRIQUETA - (CONFUSA) D. Genoveva tem razão. Reconheço que me exedi... O caso não é comercial; é de família e até lá não chegam as minhas funções. Senhor Silvério, queira desculpar-me.

GENOVEVA - (ABRAÇANDO-A) Não te julgo capaz de tomar a sério a minha brincadeira... Tu és a alma dessa casa.

SILVÉRIO - (ERGUENDO-SE) Bem, mamãe, vou até o Banco. Dentro de meia hora estarei de volta para o almoço...

GENOVEVA - Não te demores muito. Henriqueta hoje almoça conosco.

HENRIQUETA - A senhora sempre generosa.

SILVÉRIO - (ALEGREMENTE) Tanto melhor. Até já. (SAI)

## CENA VIII

Genoveva e Henriqueta

GENOVEVA - Reparaste como Silvério saiu alegre?

HENRIQUETA - Parece-me realmente satisfeito.

GENOVEVA - Não sabes o motivo?

HENRIQUETA - (SINCERAMENTE) Não, senhora?

GENOVEVA - É porque tu almoças na nossa companhia.

HENRIQUETA - (ADMIRADA) Por tão pouco? Que sou eu para...?

GENOVEVA - (INTERROMPENDO) Minha filha, falemos como duas boas amigas... que somos. Tens-te tornado digna da nossa admiração e da nossa grande estima.

HENRIQUETA - Só porque cumpro o meu dever, e procuro corresponder aos benefícios que me fazem e à confiança e carinho que me dispensam?

GENOVEVA - Mais do que confiança, mais do que estima, tens feito brotar no espírito, e porque não dizer no coração de meu filho, a flor da esperança, cujo fruto seria a felicidade, que ele julgava perdida para sempre.

HENRIQUETA - Confesso-lhe D. Genoveva, que tudo isso é para mim é uma revelação. compreendo perfeitamente o que envolve as suas palavras; mas creio que a senhora está inteiramente enganada.

GENOVEVA - Como? Se há pouco verifiquei de um modo preciso o que acabo de dizer? (HENRIQUETA CHORA) Porque choras? Causaram-te pena as minhas palavras?

HENRIQUETA - (LACRIMOSA) Não, senhora! Grande surpresa! Grande emoção! Habituada ao trabalho para viver, afirmo-lhe D. Genoveva, que jamais me passou pela imaginação a idéia de partilhar a minha existência com outrém.

GENOVEVA - Sei, minha filha. Sei que o teu único desejo é retribuir o bem que recebes; o que, entre tanto, não impediu que as tuas qualidades, a tua virtude e a tua beleza, provocassem aquele sentimento independentemente da tua vontade. Estou convencida de que no dia em que Carlos casar a filha será o homem mais feliz se tu o aceitares por marido.

HENRIQUETA - (MUITO EMOCIONADA) D. Genoveva!

GENOVEVA - Que pensas?

HENRIQUETA - (ABRAÇANDO-A COM TRANSPORTE) Minha mãe!

GENOVEVA - (RADIANTE, LEVANTA-SE VAI À JANELA) (VOLTANDO) Vamos dar o nosso passeio. (SAEM AS DUAS DE BRAÇOS. POUCO DEPOIS ENTRAM POR OUTRA PORTA COLATINO E BONIFÁCIA)

## CENA IX

Colatino e Bonifácia

COLATINO - Tenha a bondade de entrar e sentar-se.

BONIFÁCIA - Não sabes onde foi meu primo?

COLATINO - Ele quando sai não me diz aonde vai. Deve ter ido a algum lugar...

BONIFÁCIA - Olha, Colatino. Não quero brincadeiras.

COLATINO - Perdoe-me D. Bonifácia. Não estou brincando. Estou falando muito sério. Quando o patrão sai para passear vai sempre acompanhado...

BONIFÁCIA - Já sei, pela Gerente...

COLATINO - Não, senhora, pela D. Genoveva, e essa pela Gerente. Agora, quando ele sai só, vai sempre a algum lugar... (BONIFÁCIA O ENCARA COM SEVERIDADE)... a negócio.

BONIFÁCIA - E o Doutor Valente Maia tem aparecido? Desejo tanto conhecê-lo....

COLATINO - Não, senhora. Deu o fora depois do pega que teve com a gerente, que não admite graças.

BONIFÁCIA - A sonsa. O que quer ela de melhor? Um médico moço...

COLATINO - (INTERROMPENDO) Moço é que ele não é... Demais não creio que o doutor quisesse casar. Ele só queria diverti-se com a moça. A moça é séria.

BONIFÁCIA - (À PARTE) Será? (MUDANDO DE TOM) Sabes que estou resolvida a aceitar o oferecimento do Doutor meu primo? Custa-me mas não há remédio.

COLATINO - Não sei de cousa alguma.

BONIFÁCIA - Também ignoras tudo! Fui convidada para dirigir o pessoal da casa de saúde do doutor Valente.

COLATINO - Ah! Agora compreendo. O patrão emprestou uns cobres ao doutor, com a condição...

BONIFÁCIA - (INTERROMPENDO) De ser eu a gerente da casa de saúde.

COLATINO - Mas a senhora não aguenta aquele trabalho. É muito pra uma pessoa da sua idade.

BONIFÁCIA - Atrevido! Quem lhe perguntou pela minha idade?

COLATINO - Ninguém. Logo se vê...

BONIFÁCIA - Retire-se. Vá trabalhar. (COLATINO VAI SAIR, MAS ENCONTRA-SE COM O DOUTOR VALENTE)

## CENA X

COLATINO - O senhor pode entrar. Está aqui também uma senhorita esperando por ele. (COLATINO SAI) (VALENTE ENTRA MUITO ALEGRE E DEMONSTRA DECEPÇÃO AO VER BONIFÁCIA)

VALENTE - (VENDO BONIFÁCIA) Perdão, minha senhora. Disseram-me que estava aqui uma senhorita....

BONIFÁCIA - (DESPEITADA) Pihéria de mau gosto desse empregado. Em todo caso se não é uma senhorita é uma senhora viúva com quem o senhor terá que travar conhecimento.

VALENTE - Se V. Ex. quiser dizer-me a quem tenho a honra de falar.

BONIFÁCIA - (COM LIGEIRA ARROGÂNCIA) Bonifácia Gama.

VALENTE - Prima do meu amigo Silvério Gama?

BONIFÁCIA - Justamente!

VALENTE - Creia que tenho grande prazer em fazer o conhecimento de V. Ex. Não pode ser mais feliz o acaso que me proporcionou tal encontro!

BONIFÁCIA - Igualmente feliz para mim. Pois, como deve saber, sou a pessoa sobre quem meu primo lhe falou para dirigir o seu magnífico estabelecimento.

VALENTE - Sei! Sei! Espero que nos entendamos perfeitamente.

BONIFÁCIA - E eu também. (MUDANDO DE TOM) doutor é solteiro?

VALENTE - Solteirão... Nunca encontrei quem quisesse casar comigo.

BONIFÁCIA - (SORRINDO) Não seja desanimado. Quem sabe se não há de encontrar. (A PARTE) Isso fica por minha conta. (ALTO) Quando espera inaugurar a sua casa?

VALENTE - Ainda não sei. Preciso de cinco contos para terminar a instalação. Não sei se conseguirei arranjá-los com o senhor seu primo.

BONIFÁCIA - Por que não havemos de arranjar? Conte comigo? O Carlos é um parente às direitas! Não me nega coisa alguma e...

VALENTE - (MUITO SATISFEITO) Eu não desejava incomodar V. Ex.

BONIFÁCIA - Incômodo nenhum. Deixe o caso por minha conta . logo que o Carlos voltar eu me entenderei com ele.

VALENTE - Acha então desnecessária a minha presença?

BONIFÁCIA - penso que será melhor aguardar a minha resposta. Para onde devo dirigi-la?

VALENTE - Para a Rua do Catete, número 892.

BONIFÁCIA - Rua do Catete, conheço o muito! Vá descansado. Advogarei sua causa.

VALENTE - (CUMPRIMENTADO-A ALEGREMENTE) V. Ex. é encantadora (SAI)

BONIFÁCIA - (SÓ) Encantadora! Eu, encantadora! (PAUSA) Já estou cansada de ser viúva (INDO AO ESPELHO) Senhora Valente Vaz! Não quero ser gerente, quero ser dona!

## CENA XI

Bonifácia e Silvério

SILVÉRIO - Bom dia prima Boni... Já sei que temos novidade...

BONIFÁCIA - (abraçando-o) Como vais, primo Carlos? Tia Genoveva passa bem?

SILVÉRIO - Muito bem, graças a Deus.

BONIFÁCIA - Certamente, encontrastes o doutor Valente...

SILVÉRIO - Encontrei-o na escada. Disse-me que te incumbiu de uma comissão para mim.

BONIFÁCIA - É exato, e espero ser feliz. Trata-se do meu futuro.

SILVÉRIO - Julgava que era do teu presente.

BONIFÁCIA - Esse já está garantindo bondosamente...

SILVÉRIO - Vem. Vamos lá para cima, e enquanto servirem o almoço, conversaremos à vontade.

## CENA XII

Os mesmos, Genoveva e Henriqueta

GENOVEVA - (PARA SILVÉRIO) Demoramos muito? (VENDO BONIFÁCIA) Oh, Bonifácia? Que milagre foi esse?

BONIFÁCIA - (ABRAÇANDO GENOVEVA) Como vai, prima Genoveva? Não é milagre. Ou talvez seja mesmo um em perspectiva. Venho tratar de altos negócios. Parece-me que desta vez era um dia a triste viuvez.

GENOVEVA - Então temos mouro na costa?

BONIFÁCIA - (OLHANDO PARA HENRIQUETA) O que é bom toca a todos.

SILVÉRIO - Esta prima sempre com meias palavras...

BONIFÁCIA - (PARA HENRIQUETA) nós nos entendemos. Não é Henriqueta?

HENRIQUETA - Bom dia, D. Bonifácia... Não sei do que se trata.

SILVÉRIO - Vamos subir. Prima Boni, almoças conosco.

BONIFÁCIA - Aceito com prazer o teu convite. (VÃO SAINDO OS DOIS)

HENRIQUETA - (PARA GENOVEVA) a senhora me permite que eu termine um serviço urgente.

GENOVEVA - Pois não. Até já. (SAI)

## CENA XIII

Henriqueta, Jovita e logo após, Renato

HENRIQUETA - (VAI À SECRETÁRIA E PROCURA UNS PAPÉIS, NESSA OCASIÃO ENTRA JOVITA)

JOVITA - D. Henriqueta a correspondência da manhã está pronta. Podemos ir almoçar?

HENRIQUETA - Podem. Já vou assinar.

JOVITA - Está na sala um moço há mais de meia hora...

HENRIQUETA - Que quer ele?

JOVITA - Não disse nada. Tem uma carta na mão. Parece que é surdo-mudo...

HENRIQUETA - (PENALISADA) Vai buscá-lo. Talvez seja para assinar uma subscrição.

JOVITA - Vou trazê-lo pela mão. (SAI E LOGO DEPOIS ENTRA CONDUZINDO RENATO PELA MÃO) Eis o moço,

HENRIQUETA - Conduza-o aqui. (JOVITA OBEDECE) (HENRIQUETA DEPOIS DE OBSERVAR CUIDADOSAMENTE RENATO VOLTA-SE PARA JOVITA) Será mesmo o que disseste? Vejamos. (PARA RENATO) a quem procura? M9RENATO ENTREGA A CARTA. HENRIQUETA LÊ O SUBSCRITO) Senhor coronel Carlos S. Gama. (PARA RENATO) Quem a remete?

RENATO - Meu pai.

HENRIQUETA - Quem é o senhor seu pai?

RENATO - Coronel Praxedes Vaz.

HENRIQUETA - Ah! Já sei de que se trata. (PARA JOVITA) Pode ir almoçar. (PARA RENATO) Tenha a bondade de sentar. (RENATO SENTA-SE) (HENRIQUETA ABRE A CARTA E LE) Não é o assunto que eu supunha. (RENATO IMPASSÍVEL) por aqui se vê que o senhor seu pai obteve uma colocação para o senhor nesse escritório sob a minha gerência. (ESTAS PALAVRAS SÃO BATIDAS ARA CAUSAREM EFEITO. RENATO CONTINUA IMPASSÍVEL) Simpatizo muito com o senhor Praxedes e farei o possível para guiar o filho na carreira que deseja seguir... (PAUSA) estou certa de que em pouco tempo o senhor poderá também dirigir uma casa de comércio (RENATO SORRI IRONICAMENTE) Certamente ama o trabalho....

RENATO - Não.

HENRIQUETA - Oh! É pena. Entretanto é necessário satisfazer os desejos do senhor seu pai... Diga-me. Que conhece do comércio?

RENATO - Nada!

HENRIQUETA - Da escrituração mercantil?

RENATO - Nada!

HENRIQUETA - Tem prática de datilografia?

RENATO - Nenhuma!

HENRIQUETA - (LIGEIRAMENTE IRRITADA) Sabe ler e escrever?

RENATO - Errado!

HENRIQUETA - O senhor está gracejando! As informações a seu respeito prestadas nesta carta, estão em perfeito desacordo com as suas respostas... (RENATO SEMPRE IMPASSÍVEL) Finalmente... O senhor tem horror ao trabalho?

RENATO - Tenho.

HENRIQUETA - Creio que não poderemos chegar a um resultado! O senhor não quer falar (RENATO IMPASSÍVEL). Vamos lá: O senhor está na presença de uma pessoa que também é caprichosa, mas em termos. Sem tenacidade, sem força de vontade, não se vence na vida. O senhor vai ter a paciência de vir aqui diariamente durante dois meses. As horas de trabalho: das nove ao meio dia e das duas às seis. Está ouvindo?

RENATO - Estou!

HENRIQUETA - Se no fim desse prazo não tivermos chegado a um resultado, serei a primeira a solicitar de seu respeitável pai, outra direção para a sua vida. Ouviu?

RENATO - Ouvi!

HENRIQUETA - Durante esses dois meses o que pretende fazer?

RENATO - Nada!

HENRIQUETA - Entretanto será necessário fazer alguma coisa. Que prefere? Aprender comigo um pouco de escrituração mercantil, estenografia ou cálculo de juros?

RENATO - Copiar na prensa.

HENRIQUETA - Muito bem. Já conseguimos alguma coisa. O senhor será o copista da casa. Previno-lhe que terá bastante trabalho; assim o tempo passará rapidamente... (RENATO IMPASSÍVEL) Está finda a nossa conferência. Amanhã esteja aqui às nove horas. (RENATO OLHA DEMORADAMENTE PARA HENRIQUETA, QUE SE SENTE OBRIGADA A DESVIAR O OLHAR) Pode retirar-se (RENATO LEVANTA-SE E VAI SAIR SEM CUMPRIMENTAR) Faz favor, senhor... (OLHANDO A CARTA) Renato... (RENATO VOLTA-SE) Faz parte da disciplina desta casa, e da educação em geral, cumprimentar as pessoas, principalmente as senhoras. Entende?

RENATO - Entendo.

HENRIQUETA - Pode ir. (RENATO FAZ UM CUMPRIMENTO LIGEIRAMENTE CÔMICO , E VAI SAIR PELA PORTA DA DIREITA QUANDO SILVERIO ENTRA PELA DA ESQUERDA) Senhor Renato...(RENATO VOLTA-SE NOVAMENTE PARA HENRIQUETA, QUE SE DIRIGE A SILVÉRIO) É o filho do Coronel Praxedes...

SILVÉRIO - O Renato? (PARA RENATO) Oh, Renato!... Não me conheces mais? (RENATO CUMPRIMENTO COM A CABEÇA) Então?

HENRIQUETA - (PARA RENATO) É o nosso chefe. O senhor Silvério Gama (RENATO CONTINUA IMPASSÍVEL)

SILVÉRIO - Na verdade há mais de dez anos que não nos vemos; venha de lá esse abraço!...

HENRIQUETA - Abrace o amigo do senhor seu pai... 9RENATO ABRAÇA AUTOMATICAMENTE)

SILVÉRIO - Que terá ele?

HENRIQUETA - (PARA SILVÉRIO) É um caso a estudar (PARA RENATO) Não tem uma

A centelha

palavra para dizer ao Senhor Silvério?

RENATO - Não

SILVÉRIO - (PENALISADO) Coitado! Era um menino tão esperto, tão inteligente! Que pena!

HENRIQUETA - Bem! Uma vez que nada tem a dizer, pode retirar-se. Até amanhã.  
(RENATO CUMPRIMENTA LEVEMENTE OS DOIS E SAI)

## CENA XIV

Silvério e Henriqueta

SILVÉRIO - Coitado, é um caso perdido!

HENRIQUETA - (MEDITANDO\_ Quem sabe?

SILVÉRIO - (ALEGREMENTE) Vamos almoçar!

PANO

A centelha

## SEGUNDO ATO

### CENA I

CENÁRIO - Sala do Escritório em que trabalham Henriqueta, Colatino e Jovita. Arranjo comum dos escritórios de casas de comércio. A mesa de Henriqueta está colocada do lado esquerdo da cena. Ao fundo, no centro a prensa; de um lado um cofre, e de outro, um armário. Ao lado direito da cena, duas mesas. Mapas pela parede. Portas laterais, etc.

JOÃO DA MATA (Entrando) COLATINO E JOVITA ( Nas respectivas mesas)

JOÃO - (ENTRANDO) Muita boas tardes, meu povo.

JOVITA - (CESSANDO DE ESCREVER) Seja bem vindo, seu João da Mata...

COLATINO - Chegou a propósito. Tenho um recado da gerente para o senhor.

JOÃO - Ela não veio hoje?

JOVITA - Veio até muito cedo. Está lá em cima almoçando com a família do chefe. Pois não sabe que chegou hoje a senhorita Suzana? (JOÃO DA MATA INTERROGA COM A CABEÇA) A filha do senhor Silvério. Veio do colégio. Está uma moça bonita.

JOÃO - Não sabia de nada (PARA COLATINO) Que recado você tem para mim?

COLATINO - (DEPOIS DE LER UM PAPEL QUE ESTÁ SOBRE A MESA) Ei-lo aqui. Comprar até mil ações da companhia de tecidos. Algodoeira para o Coronel Praxedes. Vender quantas puder, as ações do Banco Restaurador, com muito cuidado para não precipitar a baixa.

JOÃO - Ah! Que moça de tino! Tivemos a mesma idéia sobre esse banco, - embora haja quem diga que ali estão preparando um grande arranjo com o governo. Mas, não há perigo. Ela tem muito talento.

JOVITA - Só não teve ainda para desembuchar o Renato.

COLATINO - Porque ele é mais esperto do que ela.

JOÃO - Como vai ele?

JOVITA - Na mesma. Há dois meses não sai do sim, não, vou, fico... Ora bolas! Só mesmo a paciência da gerente, que ainda assim já não o pode aturar.

JOÃO - Por que conservam essa inutilidade aqui, quando há tanto moço preparado e inteligente precisando de emprego?

COLATINO - O caso é simples: o Renato é filho do Praxedes, que por sua vez, é padrinho da senhorita Suzana. Ora, o chefe quis servir ao compadre, dando ao rapaz um emprego de trezentos mil réis mensais, para ele nada fazer, a não ser borrar o copador todos os dias.

JOÃO - Ele recebe o cobre?

JOVITA - Se recebe!... E só entrega o recibo depois de contar nota por nota.

JOÃO - Então é idiota.

COLATINO - Idiotas somos nós... Ele é um grande malandro! Ultimamente só chega aqui depois das três horas.

## A centelha

JOVITA - Ouvi a gerente dizer ao chefe que vai despedí-lo hoje, por ser a data em que termina o prazo marcado para tentar fazer dele alguma coisa.

JOÃO - Então ela já não o suporta?

JOVITA - Não. Há quase um mês já não tem a mesma paciência que tinha nos primeiros tempos. Até nós pagamos. Está sempre irritada; a dar ordens e contra-ordens. Deus queira que ele se vá quanto antes, para voltarmos à nossa paz.

JOÃO - Basta de prosa, Colatino. Você vem comigo. (PARA JOVITA) diga à Gerente que levo o Colatino para trazer uns conhecimentos que estão no meu escritório. E com esta, passe bem. (VAI SAIR)

JOVITA - Adeus, ingrato. Quando apareces?

JOÃO - Homem, essa! Não faço outra coisa senão vir aqui diariamente...

JOVITA - É como se não viesses. Nem olhas para mim!...

JOÃO - Está bem. De hoje em diante olharei para ti todos os dias. Adeus queixumes! (APERTA-LHE A MÃO E SAI; JOVITA RECOMEÇA A TRABALHAR NA MÁQUINA)

## CENA II

Jovita e logo após Valente e Bonifácia

BONIFÁCIA - Só? Onde estão esses empregados? Que é da gerente?

JOVITA - O Colatino saiu a serviço da casa. O Renato ainda cá não veio hoje, e a gerente está lá em cima almoçando. A senhorita Suzana chegou hoje.

BONIFÁCIA - Que me diz? A Suzaninha está aí? Chegou bem?

JOVITA - Creio que sim... ainda não a vi.

BONIFÁCIA - Vou vê-la. (PARA VALENTE) Espera-me aqui Valente...

VALENTE - (BAIXO PARA BONIFÁCIO) Veja que não estamos sós, D. Bonifácia.

BONIFÁCIA - (MAIS ALTO) Doutor, tenha a bondade de esperar-me um pouco. (SAI RINDO-SE)

## CENA III

JOVITA E VALENTE

JOVITA - Bravo! Bem se vê que D. Bonifácia não perde tempo.

VALENTE - Que quer? É prima do meu prestimoso amigo a quem já devo tanto... Preciso contemporisar... além de que ela está me auxiliando muito... junto ao Silvério.

JOVITA - São histórias! Ela não tem coragem de falar ao primo sobre negócios. E fique sabendo que ele não lhe empres....

## CENA IV

Os mesmos e Henriqueta (fisionomia alegre e viva)

HENRIQUETA - (ENTRANDO) Boa tarde, Doutro Vaz.

VALENTE - Minha senhora.

HENRIQUETA - (SENTA-SE Á SECRETARIA E PROCURANDO PAPÉIS) Certamente o doutor deseja falar ao Doutor Silvério. O dia não é o mais próprio. A filha que estava no colégio, chegou hoje, de modo que será pouco provável que ele venha ao escritório; pelo menos não descerá já.

VALENTE - Penso que o negócio que me traz aqui hoje poderá ser tratado com a senhora.

HENRIQUETA - Se for coisa que eu possa resolver, estou às suas ordens.

VALENTE - Creio que pode.

HENRIQUETA - (DANDO UMAS CARTAS A JOVITA) Mande esta correspondência para o correio. (JOVITA SAI)

## CENA V

Valente e Henriqueta

VALENTE - (SENTANDO-SE) D. Henriqueta, a senhora não ignora que o senhor Silvério me tem adiantado aos poucos um pequeno capital, para eu concluir a instalação da minha casa de saúde.

HENRIQUETA - Sei mesmo que o seu débito aqui já monta a doze contos, aliás em ótimas condições para o senhor.

VALENTE - (INTENCIONALMENTE) De fato, não são m's... devido em parte aos bons ofícios da D. Bonifácia.

HENRIQUETA - Não quero deixá-lo por mais tempo nessa ilusão! D. Bonifácia, tudo que tem alcançado do Senhor Silvério, nesse negócio, é o cargo de diretora dos serviços domésticos da sua casa. (MUDANDO DE TOM) Mas isso não tem importância. Vamos ao caso que o traz aqui.

VALENTE - Preciso ainda de cinco contos de réis para terminar a instalação, e venho apelar, ainda uma vez, para a generosidade do seu chefe; e, à vista do que acaba de dizer-me, se o meu pedido for patrocinado pela senhora, estou certo de que serei atendido.

HENRIQUETA - Doutor. Não tenho, infelizmente, uma boa resposta. O meu dever é zelar pelos interesses da casa, que me estão confiados. Já cedi por mais de uma vez aos rogos de D. Bonifácia. Nada, porém, poderei fazer agora, sem ouvir o senhor Silvério.

VALENTE - Peço-lhe apenas Ter em consideração que se eu não obtiver aquela quantia, o meu prejuízo e o da casa que a senhora dirige serão totais.

HENRIQUETA - Que quer? O seu débito já é muito grande. As garantias que o senhor oferece não o cobrem nem na metade.

VALENTE - (IRRITADO) À vista disso, só me resta bater noutra porta.

HENRIQUETA - Faz bem.

VALENTE - Fique, porém, certa de que se eu instalar a minha casa de saúde, mantereí o meu compromisso de confiar a D. Bonifácia, a administração interna. No caso contrário, não pouparei esforços para honrar a minha firma. (LEVANTA-SE, CUMPRIMENTA LIGEIRAMENTE COM A CABEÇA E VAI P/SAIR)

HENRIQUETA - Assim procedem os homens de bem. (VALENTE SAI)

## CENA VI

Henriqueta, Genoveva e Suzana

SILVÉRIO - (PARA SUZANA) Aqui trabalha a nossa gerente.

SUZANA - (CAMINHANDO PARA HENRIQUETA) Não perdes tempo Henriqueta...

GENOVEVA - Trabalha por dois homens. É incansável.

SILVÉRIO - Mamãe diz bem. Dois homens inteligentes e ativos!

henriqueta - Por favor. nada mais faço do que corresponder à confiança que me dispensa o Senhor Silvério.

GENOVEVA - Confiança que inspiraste a nós todos, Henriqueta. Eu disse a verdade. Tu és incansável. Levas-me a passeio, depois do trabalho, e quando voltas para casa estudas o teu piano.

SUZANA - Que bom. Havemos de tocar a quatro mãos.

HENRIQUETA - O que eu toco não se pode ouvir...

SUZANA - (IRÔNICA) Eu que o diga. (OUTRO TOM) Onde estão os teus empregados?

HENRIQUETA - Nesta sala somos apenas quatro. Eu, Jovita (Indica Jovita que vem entrando, e cumprimenta Suzana e vai sentar-se à sua mesa), O Colatino... (Para Jovita) Êle ainda não veio?

JOVITA - Saiu a serviço, com o seu João da Mata

HENRIQUETA - (Indicando a prensa de copiar) Ali trabalha o senhor Renato.

SUZANA - (Alegremente) - Ah! Êle também trabalha nesta sala? (Pequena Pausa) Há quantos anos não nos vemos. Deve estar muito alto.

GENOVEVA - Alto e bonito; mas, minha filha, teu novinho daqueles tempos já não é o mesmo.

SILVÉRIO - (PARA HENRIQUETA) Quando êles eram crianças, eu e o compadre projetamos o casamento dos dois.

SUZANA - É verdade. Eu ficava muito contente e fingia-me zangada (PARA GENOVEVA) Por que Renato já não é o mesmo?

SILVÉRIO - Pergunta a Henriqueta. ela te contará melhor do que nós (Outro tom). Agora também vou trabalhar um pouco (Para HENRIQUETA) Há alguma novidade?

HENRIQUETA - O doutor Valente veio pedir mais cinco contos para concluir a sua casa de saúde. Achei prudente negar-lhe. Já lá estão doze contos...

SILVÉRIO - Fez muito bem. Isto aqui não é torneira.

## CENA VII

os mesmos e Bonifácia

BONIFÁCIA - O doutor Valente já não está?

HENRIQUETA - Não, senhora. Saiu há pouco.

BONIFÁCIA - (Risonha) Então, muito obrigada. Estou certa que o serviu.

HENRIQUETA - Desta vez não.

BONIFÁCIA - Por que?

HENRIQUETA - Por motivos de ordem comercial.

SILVÉRIO - Não te aflijas, prima. Arranjaremos outra colocação que te convenha.

BONIFÁCIA - (Desolada) Oh, não! Só me serve aquela. se vocês soubessem os planos, os castelos que nos fazíamos. a benção da casa pelo frei Anselmo. A seguir, um belo discurso pelo doutor Vaz; finalmente um lanche fornecido pela casa Colombo. No dia se...

SILVÉRIO - (Interrompendo) Basta, basta. Tudo isso está muito bonito; mas não com o meu cobre.

BONIFÁCIA - E o resto? E o seu futuro? Em pouco tempo eu seria mais que gerente. Seria...

SILVÉRIO - Não te iludas, prima... A promoção não viria.

BONIFÁCIA - Não me posso conformar. Vou procurá-lo. Vou auxiliá-lo, já que o abandonaram. Até logo. Isto não pode ficar assim (Sáí).

## CENA VIII

os mesmo, menos Bonifácia

SILVÉRIO - Minha prima teria perdido o juízo?

GENOVEVA - (Tomando-lhe o braço e saindo) Não, meu filho, perdeu o coração (Saem)

## CENA IX

Henriqueta, Suzana e Jovita, (escrevendo na máquina)

HENRIQUETA - O Renato ainda não apareceu hoje?

JOVITA - Não, senhora.

HENRIQUETA - (PARA SUZANA) O teu noivo é um fenómeno.

SUZANA - Conta-me o que há.

HENRIQUETA - (SENTANDO-SE AO LADO UMA DA OUTRA) Francamente, Suzana, é difícil. Ainda não pude formar uma opinião definida sobre ele. Fiz várias experiências, desenvolvi planos para compreendê-lo e nada consegui. Já está aqui há dois meses e nunca pronunciou por dia mais de dez palavras destacadas. Às vezes, creio estar na presença de um homem superior e logo após me convenço que é apenas um espertalhão. O seu trabalho consiste em copiar cartas na prensa. Para cada uma erra três cópias. É um caso obscuro....

SUZANA - (TRISTEMENTE) Então o pobre está maluco. coitado. Não compreendo como o suportas há tanto tempo.

HENRIQUETA - Eu te explico. Teu padrinho, antes de partir pediu-me, encarecidamente, que tivesse paciência com o filho, moço inteligente e preparado, porém caprichoso e cheio de fantasia.

SUZANA - Não imaginas como tudo isso me entristece. Confesso-te, Henriqueta, desde criança gosto muito dele. Nunca deixei de pedir a Deus, nas minhas orações que um dia nos unisse para sempre. Foi um longo sonho que se esvaiu... (CHORA)

HENRIQ. - Não chores. Tudo passa. Logo que estejas com ele, assistirás com satisfação, a morte natural do teu amor de criança.

SUZANA - Achas que não haverá cura?

HENRIQ. - Talvez... Conviria que o coronel o recolhesse a uma casa de saúde. Tanto mais que ele deve ser despedido hoje da casa.

SUZANA - Logo hoje? No dia da minha chegada?

HENRIQ. - Ele deixará de vir apenas como empregado e não como amigo. Estamos esperando o coronel para tomar uma resolução sobre o filho.

SUZANA - Era uma vez o meu noivo.

HENRIQ. - Nas condições em que ele está, não passa de um boneco que pra nada.

SUZANA - Henriqueta, estou muito nervosa. Vem comigo ao meu quarto. Quero chorar à vontade.

HENRIQUE. - O que convém é que o vejas quanto antes para perderes a ilusão.

SUZANA - Ele é bonito?

HENRIQ. - Não é feio; mas traz o queixo caído como os imbecis. (TOMANDO A PELA CINTURA) Vamos. (SAEM)

## CENA X

JOVITA, E LOGO DEPOIS RENATO.

JOVITA - É verdade. Que amor mal empregado! (PAUSA) Tão bonitinha. (RENATO, ENTRANDO, cumprimenta ligeiramente, e dirige-se PARA A PRENSA. JOVITA, PARA ELE) Bons olhos o vejam. Como vai ser despedido hoje, não veio trabalhar. Fez muito bem. (PAUSA) Mas veio buscar o cobre, hein? (PAUSA) Se voce tivesse chegado um pouco mais cedo, teria visto a sua noiva... (RENATO DEIXA O TRABALHO E PROCURA OUVIR SEM SE AFASTAR DO LUGAR) Interessa-lhe a notícia? (PAUSA) A filha do chefe... A Suzana... Chegou do colégio...

RENATO - (OLHANDO-A FRIAMENTE) Fala.

JOVITA - Ah! Interessa-lhe o assunto. (PAUSA) Ela já esteve aqui com a gerente. Coitada. Quando a gerente lhe disse que voce era um caso perdido, a moça caiu num pranto de meter dó.

RENATO - (APROXIMA-SE IMPERATIVO) Continua.

JOVITA - A Henriqueta contou à moça o seu procedimento e terminou aconselhando-a que não gastasse as lagrimas por sua causa.

RENATO - (SEMPRE IMPERATIVO) O resto...

JOVITA - (INTIMIDADA) Disse-lhe que quando ela vir você perderá toda a ilusão.

RENATO - Só?

JOVITA - A senhorita Suzana perguntou se você era bonito.

RENATO - Vamos.

JOVITA - (TIMIDA) Vamos o que?

RENATO - à Resposta...

JOVITA - (TREMULA) Ah, sim... A gerente respondeu que não era feio... mas tinha o queixo caído como os imbecis... (RENATO DÁ UM MURRO NA MESA Jovita AFASTA-SE APAVORADA) Olá! Virou valente? (À PARTE) Se ele tiver agora uma acesso é capaz de estrangular-me...

RENATO - (IMPERIOSO) Sai!!!

JOVITA - É isso que quero. (VAI SAINDO, RECEOSA DE SER PERSEGUIDA POR ELE, QUE SE CONSERVA IMPASSÍVEL).

## CENA XI

(RENATO VAI A UMA MESA, SENTA-SE, ESCREVE NUM PEDAÇO DE PAPEL. TIRA OUTRO DO BOLSO, QUE PREGA AO OUTRO, COM UM ALFINETE. GUARDA-OS NO BOLSO E VAI TRABALHAR NA PRENSA. ENTRA HENRIQUETA E VAI SENTAR-SE À SUA ESCRITÓRIA. RENATO VOLTA-SE PARA ELA E A CUMPRIMENTA LIGEIRAMENTE)

## CENA XII

RENATO E HENRIQUETA.

HENRIQUETA - Até que enfim... chega ao escritório na hora de sair... Quantas cartas já copiou hoje?

RENATO - Nenhuma.

HENRIQUETA - Então ganhou bem o dia. Felizmente para nós, o principalmente para mim, está terminado o prazo que combinamos. Em dois meses os meus esforços não produziram o menor resultado. Você de fato, sai vitorioso porque é um doente. O seu lugar não é aqui e sim numa casa de saúde... Boa idéia... o doutor Valente vai inaugurar uma, tendo por enfermeira Dona Bonifácia. Talvez ela consiga pô-lo bom. ... Está ouvindo?

RENATO - Estou.

HENRIQ. - Não lhe interessa saber quem chegou hoje do colégio? (RENATO IMPASSÍVEL) Suzana. (PAUSA) Lembra-se dela? (IDEM) Sua noiva... (IDEM, IRRITADA) Oh! Basta... Traz o recibo do mês?

RENATO - Trago.

HENRIQ. - Dê-mo. (RENATO DIRIGI-SE À MESA DE HENRIQUETA TIRA OS PAPÉIS DO BOLSO E FICA IMPASSÍVEL QUANDO ELA ESTENDE A MÃO PARA RECEBER)

RENATO - Pague.

HENRIQ. - (RINDO-SE) Bem se vê que você sofre da bola. Então supõe que eu vou guardar o recibo sem lhe pagar o trabalho... que não produziu? (PAUSA. HENRIQUETA TIRA DO COFRE DINHEIRO QUE CONTA E ENTREGA A RENATO. ESTE, DEPOIS DE VERIFICAR, ENTREGA OS PAPÉIS. HENRIQUETA LE O PRIMEIRO. PASSANDO A LER O SEGUNDO, VAI REVELANDO ESPANTO. TERMINADA A LEITURA, OLHA PARA RENATO COM EXPRESSÃO INTERROGATIVA. TORNA A LER O PAPEL. FINALMENTE, ENCARANDO-O COM ALTIVEZ) Que quer dizer isso?

RENATO - (IMPASSÍVEL) Tudo.

HENRIQ. - Onde encontrou esta tolice?

RENATO - (APONTANDO PARA A CABEÇA) AQUI.

HENRIQ. - Que pretende com isso?

RENATO - Um beijo.

HENRIQ. - (INDIGNADA) Insolente!

RENATO - (IMPERTUBÁVEL) Baixo!

HENRIQ. - É mais imbecil do que eu suponha.

RENATO - Cale-se ou tapo-lhe a boca.

HENRIQ. - Como?

RENATO - Assim. (TOMA HENRIQUETA DE ASSALTO, PELA CINTURA, E COLA OS LÁBIOS AOS DELA DURANTE ALGUM TEMPO. A PRINCÍPIO, ELA PROCURA DESPRENDER-SE; MAS A SEGUIR VAI SE DEIXANDO DOMINAR PELA CARÍCIA DE RENATO. ESTE, SUPONDO QUE ELA ESTÁ DESMAIANDO, PROCURA

## A centelha

SENTÁ-LA NA SECRETÁRIA. HENRIQUETA, COM OS COTOVELOS NA SECRETÁRIA, ESCONDE O ROSTO COM AS MÃOS. O ESPECTADOR SENTE QUE ELA CHORA SILENCIOSAMENTE. RENATO MOSTRA-SE CONSTERNADO; PASSA AS MÃOS PELOS CABELOS. APROXIMA-SE DE HENRIQUETA... TENTA TOCAR-LHE, MAS NÃO OUSA. FALA COMOVIDO.) Henriqueta, não me queiras mal. Que vale uma imbelicidade a mais? Juro-te, foi a minha última loucura! Estou curado, porque sinto o arrependimento. Nos primeiros tempos adotastes um plano que te daria a vitória se perdurasse um pouco mais. Mudaste de tática. Tinhas que perder a partida. A paciência, a solidude, o carinho eram as tuas melhores armas. Resolveste substituí-las pela ironia, a humilhação, a aspereza de trato e tudo isso me fez vir ao espírito da idéia de vingança. Concebi o plano que acabo de executar. pois bem, estou arrependido. Não porque com o meu gasto audacioso tenta impregnado nos teus lábios um átomo de impureza, uma vez que as delícias de um vingança ridícula haviam saturado por completo o meu espírito; mas porque quando eu procurava humilhar-te, diminuir-te a meus olhos, vi que te elevavas como um anjo de assas diáfanas, aniquilando a minha audácia com a tua candura. Quando esperava ouvir de tua boca, com voz rancorosa, doestos e epítetos em turbilhões, senti que as tuas lágrimas silenciosas apagavam de súbito as chamas de minha ira há tanto tempo concentradas, Quiz ser o vencedor e sou o vencido. Ainda uma vez, Henriqueta, peço-te perdão. (VAI AJOELHAR-SE PARA TOMAR-LHE A MÃO. OUVI-SE RUMOR. RENATO LEVANTA-SE. HENRIQUETA CONSERVA-SE NA MESMA POSIÇÃO)

## CENA XIII

OS MESMOS E JOÃO DA MATA

JOÃO - (ENTRANDO) D. Henriqueta...

RENATO - (TOMANDO-O PELA MÃO) Que há?

JOÃO - (ADMIRADO) Hein?... O senhor já faz perguntas?

RENATO - A gerente teve um ligeiro incomodo... Deixa-a tranquila. Diga-me de que se trata.

JOÃO - (SEMPRE ADMIRADO) Estarei sonhando?... O senhor é o Renato?

RENATO - Vamos. Que deseja da gerente?

JOÃO - Recebi ordens para comprar mil ações da companhia...

RENATO - (INTERROMPENDO) Algodoeira... Adiante...

JOÃO - Ué... É isso mesmo... e...

RENATO - (IMPERATIVO) Não compre. Ao contrário - venda todas. Sei que a situação da companhia é má.

JOÃO - Se a gerente não concordar com a sua opinião?

RENATO - Nada receie. As ações pertencem a meu pai. Assumo a responsabilidade.

JOÃO - Bem, bem. Sendo assim, vou cumprir as suas ordens. (VAI SAIR)

RENATO - João da Mata...

JOÃO - (VOLTANDO-SE) Pronto. (À PARTE) Estarei sonhando?

RENATO - Com o dinheiro que apurar nas ações da Algodoeira, compre as do Banco Restaurador.

JOÃO - Mas a gerente deu-me ordem de vender o maior número que pudesse, e quatrocentas já lá se foram.

RENATO - Pois veja se pode adquiri-las de novo. Vá... não demore.

JOÃO - (SAINDO) Até logo. (À PARTE) Qual... isso não está certo.

## CENA XIV

RENATO E HENRIQUETA

RENATO - (DIRIGINDO-SE, SOLÍCITO E CARINHOSO, PARA HENRIQUETA, QUE CONTINUA NA MESMA POSIÇÃO) Estou pondo em prática as suas boas lições, com a vantagem de poder frequentar a praça assiduamente. Soube hoje por um amigo que o Banco Restaurador fez um acordo com o Governo e as suas ações vão subir muito.

## CENA XV

OS MESMOS, BONIFÁCIA E VALENTE

VALENTE - D. Henriqueta...

RENATO - (COM DESEMBARAÇO) A gerente teve uma pequena vertigem... Está descansando um pouco... Que pretendem?

BONIFÁCIA - Homessa... (APONTANDO PARA HENRIQUE. ) Que ela tem?

RENATO - Sentiu uma ligeira vertigem e está descansando a cabeça.

VALENTE - (ADMIRADO) Mas o senhor....

RENATO - Não se admire, doutor... O senhor é médico, e os médicos procuram explicar todos os fenomenos que se operam no organismo humano.

VALENTE - Tem razão. O senhor, em outros tempos, sofreu um choque, e ficou com certa parte do cérebro adormecida. Hoje, certamente, sofreu outro que a fez despertar.

RENATO - (SORRINDO) É o caso... (OUTRO TOM) Que desejam?

BONIFÁCIA - É... Mas parece-me que sou eu que estou adormecida e sonhando... Qual... Aqui há coisa...

VALENTE - D. Bonifácia, não temos tempo a perder. (PARA RENATO) Viemos insistir com D. Henriqueta para emprestar-me ao menos tres contos de réis, quantia de que preciso para concluir a instalação da minha casa de saúde.

RENATO - Visitei-a hoje pela manhã e trago a melhor impressão. Bem situada; quartos espaçosos e arejados; bela instalação hidroterápica; uma excelente sala de operações, obedecendo as exigencias da cirurgia moderna. por ali se vê que teremos à testa daquele estabelecimento um homem ativo e um cirurgião competente.

VALENTE - Muito obrigado, senhor...

RENATO - Renato VAz.

VALENTE - Renato Vaz... Entretanto necessito ainda de...

RENATO - (INTERROMPENDO) Já sei. Conte com o dinheiro. Amanhã venha buscar o cheque.,..

VALENTE - (COMOVIDO) Oh! O senhor deu-me de pronto a felicidade! (APERTAM-SE EFUSIVAMENTE A MÃO) Muito e muito grato! Creia que não perderá seu dinheiro.

BONIFÁCIA - Ah, Renato!... São dívidas que não se pagam! (OUTRO TOM) Que tem a gerente? Está dormindo?

VALENTE - Talvez seja uma perturbação de indigestão.

BONIFÁCIA - É isso mesmo. Notei que ela almoçou muito. (OUVE-SE RUMOR. BONIFÁCIA PARA VALENTE) Não percamos tempo, Doutor. Vamos as nossas compras.

VALENTE - Vamos. (PARA RENATO, APERTANDO-LHE A MÃO) Bendito cheque que lhe restituiu a...

RENATO - (INTERROMPENDO) A razão....

VALENTE - Até amanhã, doutor. (APERTA A MÃO DE BONIFÁCIA) Seja feliz minha

A centelha

senhora.

BONIFÁCIA - Depois da sua generosidade o meu caso está resolvido. (SAEM)

## CENA XVI

RENATO, HENRIQUETA E LOGO APÓS SUZANA

HENRIQUETA TIRA AS MÃOS DO ROSTO, TENDO OS OLHOS ORVALHADOS DE LAGRIMAS. VENDO SUZANA ENTRAR, PROCURA COMPOR A FISIONOMIA, E FINGE ESTAR ESCRREVENDO. SUZANA E RENATO ENTREOLHAM-SE. POUCO A POUCO VÃO RECONHECENDO. AS FISIONOMIAS VÃO MUDANDO DE EXPRESSÃO. CAMINHAM LENTAMENTE UM PARA O OUTRO E DE REPENTE, SE ABRAÇAM COM TRANSPORTE.

SUZANA - Renato!

RENATO - (AO MESMO TEMPO) Suzana! (NA MESMA OCASIÃO, HENRIQUETA ENXUGA FURTIVAMENTE AS LÁGRIMAS)

SUZANA - Lembras-te de mim? Fala, fala...

RENATO - Não, porque nunca me esqueci de ti.

SUZANA - (DESPRENDENDO-SE DE RENATO. OLHA MUITO ADMIRADA PARA HENRIQUETA) Mas... então... será possível?

HENRIQUETA - (TIMIDAMENTE) É realmente extraordinário... O senhor Renato mudou de um momento para outro.

RENATO - (PARA SUZANA) Foi com a tua presença, Suzaninha. Quanto, há pouco, a gerente... senhorita Henriqueta me comunicou que havias chegado, senti alguma coisa que nem mesmo sei explicar.

SUZANA - Sério? Não imaginas como estou contente. Todos me haviam dito que era um... doente. Que não rias, não falavas...

RENATO - (INTERROMPENDO) Tudo passou, Suzana. Bastou a tua presença nesta casa para o meu mal desaparecer por completo. Não é esta a sua opinião d. Henriqueta?

HENRIQUETA - (TIMIDA E TRISTE) É. o senhor está perfeitamente bom.

SUZANA - Parece-me, entretanto que estás, triste, abatida...

HENRIQUETA - (PROCURANDO DISFARÇAR A SUA TRISTEZA) Não é nada. Confesso que a rápida transformação do senhor Renato casou um ligeiro abalo, mas já passou... (levantando-se) Agora preciso sair. (Vai por chapéu) Dentro de meia hora estarei de volta.

RENATO - (Aproximando-se dela) (Baixa) Está zangada comigo?

HENRIQUETA - (profundamente triste) Não. (Vai beijar Suzana) Até já.

SUZANA E HENRIQUETA - Até já.

## CENA XVII

SUZANA E RENATO

SUZANA - Vem sentar-te a meu lado. (Renato obedece) Sabes que sofri muito hoje por tua causa?

RENATO - Se pudesse avaliar quanto estou arrependido. O padrinho escreveu-me, há dois meses, comunicando que te havia empregado aqui. Imagina com que ansiedade eu contava os dias que faltavam para te ver. Chego radiante, e a primeira notícia que me deram foi que estavas....

RENATO - Idiota.

SUZANA - E que era um...

RENATO - Imbecil.

SUZANA - (espantada) Ah! não comeces com os teus... Oh! Será possível? E eu julgava que me havias esquecido.

RENATO - Não. Fica certa de que os primeiros entimentos que desabrocham em nossa alma criam raízes profundas, e resistem, puros, imaculados, aos vendavais que encontramos na vida. Passado tudo isso, êles surgem mais belos, mais floridos. Minha Suzana, lembra-te da nossa despedida, na estação do Braz? Há dez anos...

SUZANA - Lembras-te tuas últimas palavras?

RENATO - (TOMANDO-LHE AS MÃOS E BEIJANDO) Adeus, minha noivinha.

## CENA XVIII

OS MESMOS GENOVEVA E SILVÉRIO

SILVÉRIO - OH! Estás, aí com o Renato? Já conseguiste algumas palavras dele?

SUZANA - (Alegre) Discursos, papai!

SILVÉRIO - Como assim?

SUZANA - Ficou bem quando me viu.

GENOVEVA - (Incrédula) Que estás dizendo, Suzana?!

SUZANA - Vovó duvida? Quer uma aposta?

SILVÉRIO - Aceito a aposta. Vamos, Renato, fala.

SUZANA - (iNTERROMPENDO) Perdão, papai. Agora quem manda sou eu. (Para Renato, apontando para Silvério) Renato, quem é êste?

RENATO - O senhor Silvério. (Silvério e Genoveva riem-se).

SUZANA - (APONTANDO PARA GENOVEVA) E esta?

RENATO - D. Genoveva. (Riso de Silvério e Genoveva)

SUZANA - (Desconfiada) Ainda gostas de mim?

RENATO - Gosto. (Idem)

SILVÉRIO - (procurando ridicularisar) Esperem. (Para Renato) Queres casar com ela?

RENATO - Quero.

SILVÉRIO - (Para Suzana) Vês, minha filha? Perdesta a aposta e não pagas nada. Teu noivado de criança foi um sonho. Este pobre moço não tem cura. (SUZANA OLHA SUPPLICANTE PRA RENATO)

RENATO - (PARA SILVÉRIO, RAPIDAMENTE) Quem lhe disse isso? Se eu provar que eu sou completamente equilibrado? Se jurar que no turbilhão de minha mocidade nunca esqueci a noivinha de São Paulo. Se, finalmente, declarar que estou disposto a trabalhar, a vencer na vida para merecer a mão de Suzana?

GENOVEVA - (ASSUSTADÍSSIMA) Meu Deus, coitado! (PARA SILVÉRIO) Segura-o Carlos... Isto, com certeza, é um acesso.

SILVÉRIO - (NERVOSO) Espere, mamãe.(VAI CAUTELOSAMENTE SEGURAR RENATO PELO BRAÇO) Que é isso, Renato? (À PARTE) Será possível? (ALTO) Sentes alguma coisa? Estás melhor?

RENATO - (RISONHO) Nunca estive mal. Sinto-me perfeitamente bem.

SUZANA - Já ve, papai, que não perdi a aposta.

GENOVEVA - Pois eu ainda estou em dúvida.

SUZANA - Vovó. Renato lhe convencerá em poucas palavras de que não sofre mal algum.

SILVÉRIO - (PENSATIVO) Tenho curiosidade de desvendar esse mistério.

## CENA XIX

OS MESMOS E HENRIQUETA

GENOVEVA - (VENDO ENTRAR HENRIQUETA) Sabes, Henriqueta? O Renato, com a presença de Suzana, recuperou a razão...

HENRIQUETA - (FRIAMENTE) Já lhes dei os parabéns.

GENOVEVA - Como soubestes?

HENRIQUETA - Assisti... à cura...

TODOS - (MENOS RENATO) Conta... conta... como foi? Como se deu?

HENRIQUETA - (GRAVEMENTE) Tenho cousa de urgente e de grande importancia que falar com o Senhor Silvério. Depois... então...

SUZANA - (ALEGREMENTE) Bem, bem... Vamos nós para cima... (PARA SILVÉRIO E HENRIQUETA) Terminada a conferencia vão tomar chá conosco. Para festejarmos o grande acontecimento.

GENOVEVA - Não demorem muito, que já são quase cinco horas. (SAEM DOS TRÊS)

## CENA XX

SILVÉRIO E HENRIQUETA

HENRIQUETA - Senhor Silvério, serei breve no que tenho de lhe dizer. (SENTAM-SE) Resolvi deixar hoje mesmo esta casa. Já não sou sua empregada.

SILVÉRIO - (CONSTERNADO) Qual o motivo, Henriqueta? Que aconteceu? Tua resolução se prende ao caso de Renato?

HENRIQUETA - Completamente.

SILVÉRIO - Explica-te!

HENRIQUETA - Nunca acreditei que o senhor Renato fosse um doente e compreendi que ele representava uma comédia com o fim de ser despedido o quanto antes. O que, porém, ainda não havia descoberto era a sua inteligência, e o seu preparo. Só há pouco porem, ele se revelou aos meus olhos, um moço inteligente, preparado, com grande tino comercial, e finalmente conhecedor dos negócios de Bolsa. Nessas condições, julgo-o capaz de dirigir a sua casa, com...

SILVÉRIO - (INTERROMPENDO) Estás certamente exagerando...

HENRIQUETA - É a pura verdade. Há pouco resolveu admiravelmente dois negócios de importância; o que me convenceu de que a ele compete a direção dos negócios a meu cargo.

SILVÉRIO - Será possível? Como se deu esta transformação súbita?

HENRIQUETA - (TIMIDAMENTE) Não sei bem explicar... Devia despedi-lo hoje, como havíamos combinado. Paguei-lhe o mês vencido. momentos depois...

SILVÉRIO - Depois...

HENRIQUETA - (TIMIDAMENTE) Não sei bem explicar...Devia despedi-lo hoje, como havíamos homem falando e agindo com grande vivacidade e competencia: atendendo uns, despachando outros. Reconheci de pronto que eu já não podia ocupar o meu cargo. (CHORA)

SILVÉRIO - Henriqueta, também estou atordoado. Não te reconheço. Tu que és enérgica...

HENRIQUETA - (TREMULA E LACRIMOSA) Ah! Mas a audácia de uns aniquila a energia de outros.

SILVÉRIO - Que queres dizer?

HENRIQUETA - (HESITANTE) Que a minha energia não é tão encessária ao comercio como a audácia do senhor Renato. A ele compete a gerencia da casa...

SILVÉRIO - Ah! Não quero, henriqueta! Tem paciencia. Essas cousas não se resolvem assim. Vamos conciliar nossos interesses... Tu não deves abandonar os meus negócios por essa forma. Nem perder de um momento para outro, a tua colocação...

HENRIQUETA - Os seus negócios não ficam abandonados. O senhor Vaz já os conhece melhor do que eu. Quanto a mim, espero não ficar muito tempo sem trabalho. (LEVANTA-SE)

SILVÉRIO - (PROFUNDAMENTE COMOVIDO) É a tua última palavra? (HENRIQUETA CONFIRMA COM A CABEÇA) poderias aceitar o cargo de minha secretária... lembra-se do desgosto que vai ter minha mãe. Eu tambem sofrerei muito, porque te...

## A centelha

HENRIQUETA - (IMPEDINDO-O DE FALAR) Não insista, senhor Silvério. Voltarei amanhã para entregar os negócios e fazer as minhas despedidas. Peço-lhe que me desculpa com os seus, procurando não perturbar a alegria que reina no seu lar. (SILVÉRIO TOMA-LHE AS MÃOS, E, OLHANDO-A, APAIXONADAMENTE, BEIJA-AS. HENRIQUETA VAI ATÉ A PORTA. VOLTA-SE E FAZ UM TRISTE ACENO COM A MÃO. SAI)

## CENA XXI

SILVERIO, SÓ

SILVÉRIO - (CAI SENTADO NA CADEIRA DA SECRETÁRIA, E COLOCA O ROSTO ENTRE AS MÃOS. DE REPENTE LEVANTA UM PAPEL QUE ESTÁ SOBRE A MESA E MOMENTOS DEPOIS LE COMPASSADAMENTE) "O beijo é a centelha que ateia no coração o fogo sagrado do amor"! (PAUSA) "Dá-me um beijo". (DEIXA CAIR O PAPEL SOBRE A MESA) meu Deus, agora comprpeendo tudo! Ele beijou-a... (CHORA).

A centelha

## TERCEIRO ATO

### CENA I

CENÁRIO - Sala de visitas em casa de Silvério.

Silvério e Praxedes conversam sentados

SILVÉRIO - Felizmente, compadre, voce está na terra e poderá tomar uma resolução sobre ele.

PRAXEDES - Eu sempre lhe disse, compadre, que o Renato era um caso perdido. o que, porém, ainda não posso compreender, são essas mudanças bruscas no procedimento dele.

SILVÉRIO - Depois que eu lhe puser ao corrente dos fatos, você compreenderá tudo.

PRAXEDES - Pois vamos a êles.

SILVÉRIO - Como já lhe mandei dizer, o Renato, no dia da chegada de Suzana, revelou-se, de repente, um homem inteligente e conhecedor dos negócios da casa. Uma verdadeira surpresa para todos nós.

PRAXEDES - É verdade. Tudo isso consta da sua carta; e ainda mais: que ele havia assumido a direção da casa, por ter adoecido a gerente, e que voltará a namorar minha afilhada.

SILVÉRIO - Tal qual. O que, porém ocultei foi que... a Henriqueta estava sendo requestada por seu filho!

PRAXEDES - Que me diz, compadre? O Renato continua conquistador?

SILVÉRIO - Nada sei de positivo; mas tenho como certo que êle procurou sefuzir a moça, obrigando-a a abandonar o emprego de um dia para outro.

PRAXEDES - Como?

SILVÉRIO - Só êle lhe poderá explicar. O fato é que ela adoeceu gravemente no mesmo dia em que deixou a casa.

PRAXEDES - coitada!

SILVÉRIO - E o que é mais importante é a solicitude do Renato visitando-a todos os dias, levando-lhe flores cosntantemente...

PRAXEDES - Mas você não me disse há pouco, compadre, que êle voltou a ntmorar Suzana?

SILVÉRIO - Nos primeiros dias; mas noto que ultimamente está arrefecendo muito...

PRAXEDES - Conte a cousa por miudo...

SILVÉRIO - O Renato, a principio, desenvolveu uma atividade maravilhosa, dando notável impulso a vários negócios. No fim de oito dias, porém, começou a perder o entusiasmo pelo trabalho. Finalmente, julgo que a Suzana já passou para o segundo plano.

PRAXEDES - Quem está no primeiro? A tua gerente ou alguma italiana?

SILVÉRIO - Não se trata de italiana... (Mudando de tom) O que é preciso, compadre, é que você se entenda com ele; porque não posso manter a minha casa de comércio nas condições em que se acha: inteiramente abandonada. nem consinto que seu filho esteja a seduzir uma moça séria, salvo se está bem intencionado.

## A centelha

PRAXEDES - Voce tem razão, compadre. Vou dar um jeito a isso.

SILVÉRIO - O que não lhe será fácil. Receio muito que nada consiga.

PRAXEDES - (ADMIRADO) Estou achando voce muito preocupado. Eu bem o preveni a respeito do Renato. O que mais lamento foi você ter perdido sua boa gerente. Quanto aos amores dele pela Suzana, para mim não valiam dois caracóis.

SILVÉRIO - ( OUVINDO RUMORES) Vem subindo alguém. Provavelmente é o Renato. Convém que fiquem os dois sós. Resolva o caso com calma, sem molestá-lo. Afinal todos nós o estimamos. (Sai e logo a seguir entra Renato por outra porta.)

## CENA II

Praxedes e Renato

RENATO - (Vem entrando descuidado. Vendo Praxedes tem um movimento de alegria. Corre para ele e abraça-o com efusão) Oh! Meu pai! Que prazer! Que agradável surpresa! Quando chegou?

PRAXEDES - Bons olhos te vejo, filho. Quanto mais maluco, mais te quero. É natural. Filho unico de viuvo.

RENATO - Então o senhor acha que cada vez estou mais maluco? Não soube que há mais de um mes resolvi por meus caprichos de lado para tornar-me um homem útil a família e à sociedade?

PRAXEDES - Soube, soube. (Sentam-se) Com efeito, estavamos em pelna colheita na fazenda, quando recebi cartas do compadre e da Suzana, contando-me a tua transformação. Havias começado a trabalhar seriamente.

RENATO - Então? Tais noticias não lhe agradaram?

PRAXEDES - Quem diz que não? Agradaram-me tanto que, terminado o serviço grosso, vim correndo para abraçar te e agradecer àqueles que realizaram o milagre.

RENATO - Diz bem: o milagre! Por que, agora, me sinto outro homem.

PRAXEDES - Ouve-me. Cheguei ontem a noite e, em vez de ir para a tua pensão, preferi hospedar-me no Avenida, para vir surpreender-te hoje no teu trabalho.

RENATO - (Confuso) precisamente hoje não me foi possível chegar as horas de costume.

PRAXEDES - (Encarando-o) Pois encontrei o compadre Silvério que só deu notícias desagradáveis. Em primeiro lugar, soube que a gerente, a boa gerente, que tanta paciencia teve contigo, abandonou o emprego por tua causa.

RENATO - Não foi propriamente por minha causa. Reconheceu que eu estava mais em condições de gerir os negocios do que ela. Cedeu-me o posto. por um natural orgulho e amor próprio não quis passar para o segundo plano e despediu-se.

PRAXEDES - Não seria outro o motivo?

RENATO - (SURPRESA) Outro qual?

PRAXEDES - Sim... prometi, há pouco, ao compadre não te falar no assunto... Mas, uma vez que foste tu que...

RENATO - (Interrompendo) Eu? Não compreendo...

PRAXEDES - É... É... Não insistas. O teu procedimento tem desagradado a todos nesta casa.

RENATO - (Tristemente) Talvez com razão, meu pai. Creia que estou sofrendo as consequencias dos meus caprichos... da...

PRAXEDES - Sei. O compadre disse-me tudo.

RENATO - Tudo?

PRAXEDES - Mais ou menos... Que no fim de poucos dias começaste a relaxar o serviço, e já falas em abandoná-lo.

RENATO - Também é verdade! Não dou para o comércio e entendo que Henriqueta deve

## A centelha

voltar para o seu posto.

PRAXEDES - (Satisfeito) Muito bem! Conta comigo! Dos arrependidos é o reino do céu. Eu te arranjaré outro emprego.

RENATO - Começemos pela Henriqueta, meu pai. Venha comigo a casa dela e trate de convencê-la de que deve voltar para seu lugar.

PRAXEDES - Não sabia que lhe frequentavas a casa.

RENATO - (Confuso) Depois da sua enfermidade visitei-a algumas vezes, na companhia de Suzana.

PRAXEDES - A propósito: como vai minha afilhada?

RENATO - Muito bem. um anjo de bondade.

PRAXEDES - Ainda gostas dela?

RENATO - Porque não? Gosto muito. Se tivesse uma irmã, não a estimaria mais do que a Suzana.

PRAXEDES - Irmã?

RENATO - Por que não? Que há de extraordinário na palavra?

PRAXEDES - Então não te recordas mais das tuas promessas da infância? Pois na última carta de Suzana, ela mostra ter ainda a memória muito fresca.

RENATO - Ah! Ela tem uma boa memória.

PRAXEDES - Já sei. E tu?

RENATO - Muito embotada.

PRAXEDES - (Sério) Olha, Renato. Basta de meias palavras. como sabes sou: pão, pão, queijo, queijo. Não penses que me aboreço porque já não queres casar com minha afilhada. Conheço bem os dois para estar convencido de que seriam um casal infeliz. Mas o que não compreendo é que te passe despercebido tanta ternura, tanta bondade daquele anjo.

RENATO - Que quer, meu pai? Foi o imprevisto.

PRAXEDES - (Aborrecido) Qual imprevisto! Foi a tua leviandade. (Mudando de tom) Sabes que mais? Não me sinto bem aqui. O caso está mais sério do que julgava. hoje mesmo tomarei o noturno para São Paulo.

RENATO - (RESOLUTO) Dessa vez não irá só, meu pai.

PRAXEDES - Como?

RENATO - Seremos companheiros... vou matar saudades do meu pomar, das minhas caçadas....

PRAXEDES - Não imaginas como está bonito o teu pomar! Muita fruta nova....

RENATO - (ALEGREMENTE) Sim? Quais são elas?

PRAXEDES - Maças, peras, frutas-de-conde...

RENATO - Caquis?

PRAXEDES - Oh! Cada um deste tamanho. (INDICA COM AS MÃOS) E os melões!?

RENATO - E a caça?

PRAXEDES - Não me fales. É o que não falta... Pacas, cotias... Pombas rolas... É só apontar e acertar num bando delas.

RENATO - Está dito, volto para a fazenda cm o senhor.

PRAXEDES - Nós dois? Sem mais ninguém? (VENDO ENTRAR SUZANA) Olha quem vem ali...

## CENA III

Os mesmos e Suzana

SUZANA - (CORRENDO PARA PRAXEDES A QUEM ABRAÇA) Oh, padrinho! Que surpresa agradável! Demorou tanto a sua vinda...

PRAXEDES - (ABRAÇANDO-A) Ah, filhinha nunca fazemos o que desejamos (MUDANDO O TOM) Como ficou bonita esta menina... Já sei que deixaste o colégio. Estás contente?

SUZANA - (OLHANDO PARA RENATO) Já estive mais.

PRAXEDES - Como assim?

SUZANA - Nos primeiros dias da minha chegada supunha-me transportada ao, paraíso. Aconteceu, porém, Henriqueta adoecer; e o seu estado agravou-se o que nos assustou bastante. Desde então comecei a compreender que na vida nem tudo são flores.

PRAXEDES - Na tua idade? Por que não? Demais tens teu pai e tua avó que te adorem. Tens teu padrinho que te ama como um pai estremoso... Tens... (OLHA PARA RENATO) que dizes tu, Renato?

RENATO - Que Suzana é querida de nós todos... Ela ficou ligeiramente nervosa com a moléstia de Henriqueta; mas felizmente esta já está boa.

SUZANA - Graças a Deus!... Estou esperando-a! (MUDANDO DE TOM) E eu que me havia esquecido de dar esta boa notícia a papai...

PRAXEDES - Darei eu. Antes, porém, desejava saber que moléstia teve ela.

SUZANA - Para mim foi o grande choque que sofreu com a brincadeira de Renato.

PRAXEDES - Que brincadeira foi essa?

RENATO - Ora, meu pai, isso é muito longo. Depois lhe contarei. O fato é que ela já está boa, graças aos cuidados e carinhos de Suzana.

SUZANA - Por que não dizes tudo? Não sei qual de nós foi mais solícito. Nas primeiras noites de febre e delírio eras tu com a prima Jandira que ias buscar os remédios a qualquer hora. Creia, padrinho, eu já queria muito bem a Renato; mas depois que o vi tão arrependido da tal brincadeira o tão desvelado, ainda lhe quero mais.

RENATO - (BEIJANDO A MÃO DE SUZANA) Tu és um anjo.

PRAXEDES - (ALEGREMENTE) Muito bem. Nesse terreno é melhor estarem sós, do que mal acompanhados. Vou levar ao compadre a boa nova da visita da moça.

SUZANA - Vá padrinho. Ele está agora no escritório.

RENATO - Vou acompanhá-lo meu pai.

PRAXEDES - Não. Conversa com Suzana que eu já volto. (SAI)

## CENA IV

Renato e Suzana

SUZANA - (TRISTEMENTE) Querias deixar-me tão depressa? Apenas cheguei.

RENATO - É que estou com trabalho do escritório muito atrasado.

SUZANA - A culpa é tua que já não és assíduo como nos primeiros dias (HESITANDO) Por que?

RENATO - Tenho fora vários negócios que me obrigam a sair constantemente... e...

SUZANA - (INTERROMPENDO) Renato. Tu não és o mesmo. Estás muito mudado.

RENATO - Eu?

SUZANA - sim. Tu. Nos primeiros dias de minha chegada não me abandonavas um instante. Os assuntos de nossa conversa faziam o tempo correr velocemente. Sem que eu possa dedicar, comecei a sentir que a tua voz ia perdendo aquele tom caricioso dos primeiros tempos. A tua loquacidade diminuía sensivelmente; até que nas últimas noites que passamos em casa de Henriqueta tu não me dirigias a palavra uma só vez.

RENATO - (PERTUBADO) É possível que tenha razão. Perdoa-me! Confesso-te que seria difícil dar-te uma idéia nítida do estado do seu espírito, de um certo tempo a esta parte. Crê. Há momentos em que me odeio.

SUZANA - Porque?

RENATO - Por não me sentir digno do amor de pessoa alguma.

SUZANA - (INGENUAMENTE) Nem do meu?

RENATO - Do teu, principalmente.

SUZANA - (LACRIMOSA) Compreendo tudo. Tu já não me amas. (CHORA) Meu DEUS... Ele já não ama!

RENATO - (TOMANDO-A NOS BRAÇOS) Suzana, se me queres um pouco não me dilaceres a alma com as tuas lágrimas

SUZANA - Já sei! Amas a outra... alguma colona da fazenda... Eu conheço a tua história... Vai... Vai... para a Itália. Lá serás mais feliz do que casado comigo.

RENATO - (CARINHOSAMENTE) Suzaninha está desarrozoando. Não fales assim (MUDANDO DE TOM) Quando estiverdes calma, eu te demonstrarei à evidência, o receio que tenho de te fazer infeliz.

SUZANA - (LACRIMOSA) Abandonas-me, então, para dar-me a felicidade! (CHORA)

RENATO - Por Deus, Suzana! (RUMOR FORA) Ouves? Vem subindo alguém... (SUZANA ENXUGA OS OLHOS. ENTRAM PRAXEDES E SILVÉRIO )

## CENA V

OS MESMOS, PRAXEDES E SILVÉRIO

PRAXEDES - (COM ALEGRIA) Então, Suzana, teremos hoje aqui a Henriqueta?

SUZANA - (ESFORÇANDO-SE PARA DEMONSTRAR ALEGRIA) Disse-me que vem agradecer quanto você e vovó fizeram por ela.

SILVÉRIO - (RADIANTE) Nada tem que agradecer. O que é necessário é voltar o quanto antes para seu emprego.

PRAXEDES - Apoiado!

SUZANA - Não creio que ela volte, papai.

PRAXEDES - Compreende-se também que ela não queira trabalhar sob a direção do discípulo.

RENATO - Por isso, não. Aproveito a oportunidade para declarar que me despeço hoje do cargo que tão mal estou desempenhando aqui, e que assumi num momento de loucura.

SUZANA - (CONSTERNADA) Louco estás agora, procedendo assim: colocando papai em dificuldades.

SILVÉRIO - Deixa, Suzana! Renato pensa bem. Ele deve ter as suas razões... O que é penoso para mim é ter perdido uma pessoa em que depositava inteira confiança para...

RENATO - (INTERROMPENDO) Tranquelize-se, senhor Silvério, não lhe será tão penoso assim; porque dona Henriqueta voltará para seu posto.

SUZANA - (COM ENREGIA) Não volta; nem tu deixarás o lugar (CHORA). isto não tem cabimento. (CAI NOS BRAÇOS DO PAI)

RENATO - (TIRANDO-A DOS BRAÇOS DO SILVÉRIO) Vê, Suzana? A minha presença só te causa lágrimas... é necessário que a paz volte a esta casa.

PRAXEDES - Há de voltar. Não tenham dúvida. Isso corre por minha conta. (PARA SILVÉRIO) Vamos ao seu gabinete, compadre. (TOMA SILVÉRIO PELO BRAÇO E SAEM)

## CENA VI

RENATO, SUZANA E A SEGUIR JOVITA.

RENATO - (INDO ACARICIAR SUZANA, QUE O REPELE BRANDAMENTE) Suzana...  
Minha querida Suzana.

SUZANA - (LACRIMOSA) Deixe-me. Não percas teus esforços em me enganar.  
Compreendo perfeitamente que já não me amas.

JOVITA - (ENTRANDO) Sr. Renato, estão no escritório muitas pessoas procurando pelo  
senhor. O corretor precisa muito lhe falar. A correspondência por abrir é enorme. Que devo  
fazer?

RENATO - (INTERROMPENDO) Bem, bem, vou já. (PARA SUZANA) Vou dar um pouco  
de andamento aquilo lá pelo escritório, enquanto não passo o posto.

SUZANA - (TRISTEMENTE) Pode ir e seria melhor não voltar. (JOVITA TEM SAÍDO)

RENATO - (ACARICIANDO-A) Não é sincera Suzana. (SAI E SUZANA CAI EM  
PRANTO)

A centelha

